

“A ‘religião da humanidade’ me importa muito.”

Entrevista com a Profa. Zilda Grícoli Iokoi.

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho

Doutorando em História Social pela USP, mestre em História do
Tempo Presente pela UDESC

Em 09 de agosto de 2010, conversei com a Profa. Dra. Zilda Grícoli Iokoi, docente do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do recém-formado *Diversitas*, Núcleo de Estudos das Diversidades, das Intolerâncias e dos Conflitos, sobre a questão das motivações para a crença e descrença religiosa, especialmente a partir de sua própria experiência.

A entrevista representou o *ponto zero*, ou entrevista inicial de um projeto chamado *Perdendo minha religião: marketing ateuista, trauma e descrença*, desenvolvido em 2010 por mim e associado ao Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) da USP, coordenado pelo Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy. A esta entrevista inicial se seguiram outras, a partir da seleção de uma *comunidade de destino* (conjunto de colaboradores que foram entrevistados), formada por duas *colônias*, uma composta por pessoas do meio acadêmico, especialmente historiadores e pesquisadores de religiões e religiosidades de outras áreas, e outra, por não-universitários.

Como comentei anteriormente em uma das entrevistas publicadas,¹ muitas das histórias orais de vida escutadas trouxeram como características sensações de *desencaixe, descrença ou descrédito* em relação ao sagrado e/ou à determinada instituição religiosa, negação do sentimento religioso, e em alguns casos, ateísmo. As narrativas mostram que estes sentimentos tem suas motivações, algumas um pouco inusitadas. É o caso do relato da profa. Zilda, que comenta sobre sua Primeira Comunhão como momento marcante de seu afastamento formal da Igreja Católica. A conversa com a Profa. Zilda identificou momentos de maior e menor aproximação com o sentimento religioso, que reverberaram em momentos distintos de sua biografia, como na confecção de sua tese de doutorado sobre a Teologia da Libertação, por exemplo. Apresento a seguir o resultado da entrevista transcrita e transcrita com a profa. Zilda Gricoli Iokoi, realizada em sua sala do antigo Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI), hoje Diversitas, na Casa de Cultura Japonesa, na USP.

IOKOI: Eduardo, obrigado por querer ouvir minha opinião sobre este assunto, ainda que eu não saiba se tenho muito a falar sobre a crença e a descrença, se pensar minha trajetória pessoal.

Eu nasci na Lapa, mas ainda menina mudei pro Ferreira, um bairro aqui na Régis Bittencourt, próximo ao Taboão da Serra. De lá fui pro Monte Kemel, e foi ali que a gente viveu sempre. Quando íamos pro interior, íamos pra região de Marília, visitávamos os parentes da mamãe e a vida religiosa não era uma coisa tão contínua ou próxima.

Eu fui formada numa família católica, mas uma família católica muito heterodoxa porque a mamãe nunca foi muito centrada numa única perspectiva da ideia de religião, e e ela tinha enorme curiosidade e ansiedade por saber de tudo, então também frequentou centro espírita, seicho-no-ie, e sempre esteve presente participando da Igreja Católica. Ela batizou e crismou

¹ Entrevista intitulada “*Olhei para Jesus e não vi nada*”: uma travessia da crença ao ateísmo, com o historiador Natanael Francisco de Souza, publicada no dossiê *Religiões e Religiosidades* (coordenado por mim) da *Oralidades, revista de História Oral da USP*, v. 08, relativo a julho/dezembro de 2010.

os filhos, por vir desta tradição. Fiz o catecismo e a escola dominical me preparando para fazer a Primeira Comunhão, momento que me foi muito marcante.

Neste percurso eu entrei na cruzada eucarística, que era um movimento de jovens. Desde pequeno a gente fez parte da Juventude Católica. Eu era muito criança, tinha um uniformezinho todo bonitinho de cristão, com preguinhas, boininha na cabeça, cintinho amarelo, que era uma das cores do Papado, que a gente nem sabia da existência na época, mas eram as cores do Papado. A gente estudava os textos que estavam no missal preparatório prá Primeira Comunhão. Mas confesso não me lembrar de nada destes estudos, pois o que me importava mais era a convivência, o encontro e a farra com as outras crianças, era muito mais isto do que estudar Deus e a Igreja.

Claro que me lembro que tinha de ter uma vida íntegra, não pecar, estas coisas, e que os pecados deveriam ser confessados ao padre. E eu inventava os pecados, pois eu não tinha pecado de nada, entendeu? Inventava que tinha desobedecido minha mãe ou xingado meu irmão, ou pensado em alguma coisa que não devia, tudo isto prá poder confessar algum pecado, pois não tinha o que falar. Mesmo quando eu fazia estas coisas eu não achava que isto era efetivamente um pecado.

Me lembro da Primeira Comunhão, foi uma farra, porque minha mãe mandou fazer um vestidinho lindo, com chapeuzinho, toda bonitinha prá ir à missa de Primeira Comunhão. Mas a missa da Primeira Comunhão era muito cedo, eu tinha de ir sem nenhuma refeição, sem comer nem beber água, e ainda por cima sabia que não podia encostar a hóstia no céu da boca porque era o Cristo, e tal... aí eu passei super mal, pois eu era muito frágil, e de manhã minha boca secou e a hóstia colou no céu da boca e eu comecei a ficar com ânsia de vômito, suei frio, foi péssimo. E nunca mais voltei a frequentar a vida da igreja. Não comunguei mais, não confessei mais, porque eu tinha um horror de pensar que aquele negócio ia grudar no céu da boca e eu ia passar mal tudo de novo. E minha mãe dizia que eu tinha rejeitado Jesus no meu coração. Eu dizia que não, no meu coração não, mas que quando ele tava na minha boca eu fiquei com ânsia de vômito, e o que eu ia fazer?

Eu sempre fui muito frágil de manhã, acho que por causa desta vida de hospital, muitas cirurgias, clorofórmio, me deixou muito fraca de manhã. Então de manhã tomo água primeiro,

e no café-da-manhã como só um pãozinho com uma geleinha, algo bem levinho. Nada de grandes confusões, desta coisa de café-da-manhã com *bacon*, ovos, não, eu tenho horror deste negócio. Então não voltei mais a frequentar a igreja nesta perspectiva de uma militância religiosa formal, dentro da instituição católica.

Mas eu frequentei muitos lugares religiosos. Como eu tive pólio, a minha mãe me carregou prá muitos lugares. Com uns seis ou sete anos fui prá Tambaú, na igreja do Padre Donizetti prá pedir por um milagre, que era o da cura da minha pólio. Me lembro desta viagem a Tambaú, que era longe à beça, e no carro tinha meus pais e mais um casal de compadres deles, e chegando lá em Tambaú tava um calor miserável e tinha uma multidão na praça e foi a primeira vez que comi sanduíche de salame com manteiga, e ainda sou louca por sanduíche de salame até hoje. Depois de algum tempo entramos na igreja, e o padre jogou água benta na minha cabeça, fomos embora, e tudo continuava como antes. Eu dizia prá minha mãe “não quero mais ir nestes lugares, você diz que vou sarar e não acontece nada, não sarei nada.” Ela dizia “não é assim minha filha, você foi abençoada”, então ela tinha esta fé.

E me levou várias vezes no centro espírita prá tomar passe, no seicho-no-ie, e todas as coisas que diziam prá ela que curariam minha pólio ela fazia. Fazia banho de sabugueiro, chá de não-sei-quanto, passava sebo de boi na perna para fortalecer, tudo ela fez. Tudo. Ela lutou contra minha pólio a vida inteira dela, e isto tudo fazia parte das informações religiosas e das credences que ela assimilava com a intenção de me ajudar. Eu dizia “mãe, você vai em tudo que é lugar e os deuses não vão te ajudar nunca, porque cada hora você tá num deus.” Mas ela respondia “não, Deus é um só, como a gente não sabe qual igreja é a melhor, a gente vai em todas, porque tando bem com Deus sempre vamos ter alguma proteção. Não sabemos qual o santo é o milagroso, então a gente vai em todas.” E era assim, procurávamos pelo milagre em toda a parte. Então em relação à igreja ou à religiosidade específica nossa crença era muito *light*. Nenhuma das duas era descrente, sempre tinha uma coisa mística ao redor, sempre nos apegávamos a alguma palavra frente às adversidades que passávamos. Nós lidávamos com a coisa da religiosidade de uma maneira mais popular e espontânea frente às dores e dificuldades. Sempre estavam presentes os pedidos de socorro a Deus, de apoio à Nossa Senhora, estas coisas estiveram muito presentes em nossa vida cultural.

Nunca fizemos festas religiosas *stricto sensu*, com exceção do Natal, que tinha principalmente a coisa da agregação familiar, mas não íamos à Missa do Galo, não comungávamos nem confessávamos, nada disto. Acabava valendo pela farra da italianada da família mesmo. O grupo mais forte da família vem do lado do meu pai, a família do lado da mamãe era mais distante, moravam em Tupã, fora de São Paulo, a gente se via pouco. Do lado do meu pai, haviam muitos parentes que eram anarquistas e rebeldes, então este lado da família era mais forte que o lado religioso. Mas tínhamos isto, quando tinha atividades no bairro, como quermesses, minha mãe ia ajudar a vender coisa, fazer comida, a gente gostava muito da quermesse.

Eu tive pólio com um ano e dois meses, eu já me conheci com as sequelas de pólio. Até os sete anos eu vivia no hospital, e fui alfabetizada no Hospital das Clínicas. Eu lidei minha vida toda com a sequela de pólio e tive de me reconhecer e enfrentar como tal e de gostar de mim assim mesmo. Minha adolescência foi difícil, mas depois que eu consegui me separar de uma certa muleta que era o pensamento de que ‘as coisas não viriam prá mim porque eu tenho pólio’, e comecei a pensar que eu tinha responsabilidade sobre minhas coisas e minha vida, eu consegui enfrentar bem. Eu também fui muito ajudada, quase não tive rejeição na minha vida por causa disto. Na escola sempre foi tudo muito fácil. A escola era agregadora. Estudei na escola pública até a quinta série e depois fiz curso técnico de comercial básico equivalente ao ginásio e contabilidade equivalente ao colégio, e depois fiz faculdade de filosofia.

Eu sofri discriminação sim. Mas eu sempre fui muito rebelde, falante e de liderança, acho que isto ajudou bastante. Quando eu era pequena eu lembro que a gente fazia um caminho a pé e as meninas que eram do grupo opositor, vinham gritando ‘manquinha, manquinha’, e eu vinha respondendo ‘bunda feia, bunda feia’. Eu sempre arrumava um jeito de não ficar oprimida. Na minha adolescência, por conta do auto-reconhecimento, foi mais difícil, porque é uma idade em que o corpo é muito importante. É uma idade em que o corpo é muito importante, não é? Mas tive muitos apoios, tive amores, namorados na adolescência... isto tudo me ajudou muito. Foi muito gostoso, eu ia a bailes, eu dançava muito. Não posso reclamar mesmo.

Minha mãe, quando brigava comigo, dizia assim “você é tão rebelde, não aceita Deus no coração, tudo te acontece, olhá sua paralisia”. Ela falava estas coisas na hora da raiva, ela não

pensava isto mesmo, ela falava porque tinha aflição com minha rebeldia, era difícil me segurar, eu queria fazer tudo ao mesmo tempo e era muito rebelde mesmo. Mas não acho que a pólio tenha sido um castigo de Deus, e nem acho que exista isto: um “castigo de Deus.” Acho que a gente vive num mundo cheio de problemas, que a gente nasce aqui ou lá por mero acaso e acho que tem a ver com a energia que você tem prá enfrentar as dificuldades. As dificuldades acontecem prá pessoas que são mais fortes. Talvez isto seja algo místico, né? Acho que acontece prá quem pode, prá quem aguenta.

Não creio que ter tido pólio e ter ido a benzeções, e não ter melhorado, tenha me afastado de ir à igreja. Eu sempre achei bastante físico e material os problemas da minha doença, sempre tive bastante consciência do meu corpo, do que eu posso ou não posso. Nunca confundi uma coisa com a outra. Nunca achei que eu era vítima, nem pecadora, nem por isto eu não ia a Igreja, pelo contrário. Gosto muito dos ritos. Quando fui pela primeira vez a uma missa *gospel* numa Igreja Batista nos Estados Unidos, adorei, se minha igreja fosse assim teria ficado nela. As pessoas confraternizam, cantam, alegres. Gosto das cerimônias, mas não das católicas. Em geral acho as cerimônias religiosas muito bonitas. Gosto de rituais e cerimônias. Não gosto do rito católico, que é culto, muito fechado. Se bem que hoje mudou muito. Fui a uma missa outro dia, que era de homenagem a alguém, e era mais animadinho, tinha que dar a mão... eu vou na igreja e lembro das orações, de músicas, tenho uma memória boa prá estas coisas. No catolicismo achava o rito tonto, sempre a mesma coisa, sem elos, sem energia. Sempre gostei da coisa estética, dos santos, dos vitrais, tetos. Mas não gostava do rito. Gostava da Cruzada Eucarística por causa da farra, da molecada, da meninada junto. Quando isto se condicionou a eu ter de confessar e comungar, comecei a deixar de ir. Quando me lembrava da hóstia na minha boca, eu não ficava estimulada mesmo. Aí me afastei. Não me afastei por uma descrença, foi por um desconforto físico mesmo.

Quando entrei na faculdade de filosofia, já tinham se passado todas estas dores, todos estes dilemas, estas dores. Aqui o desafio maior era o de viver a coisa da política. A política foi muito forte na minha casa. Meu tio e padrinho, querido amigo Osmar, já falecido, era segurança do Prestes então a gente conversava muito a respeito de política. Meu pai era um homem muito autoritário, tinha um atitude de certo modo fascista, odiava preto, achava que não tinha de se preocupar com os pobres, estas coisas. Então prá me libertar do meu pai me

agarrei no meu tio e virei comunista mesmo, foi assim. Este comunismo foi uma derivação do anarquismo, comum à minha família. Minha mãe era bem libertada e moderna, sabia bem o que era importante. Sofreu durante 30 anos com meu pai, mas brigavam muito, quando ele morreu ela caiu no mundo, foi fazer tudo que ela queria, se casou mais três vezes, e tal. Gostava muito de viver. Mesmo quando ficou doente, teve 5 vezes isquemia, e mesmo neste tempo seus olhos brilhavam, ela queria fazer manicure, queria ir ao fisioterapeuta prá paquerar ele, era uma danada, cheia de vida.

Quando eu comecei a ficar mais adulta e entrei prá militância política, eu liguei algumas coisas. Percebi que o grupo com o qual eu estava na Cruzada Eucarística, foi o grupo de pessoas que depois foi prá AP, a Ação Popular, que é o grupo de esquerda católico mais radicalizado. Depois de muito tempo encontrei a pessoa que tinha sido minha monitora e que já fazia militância política. Comecei a pensar um pouco como a política e a religião se misturavam, coisas tão radicalmente opostas. E foi isto que me levou a fazer uma relação entre religiosidade e política e que me levou a fazer o estudo da Teologia da Libertação no meu doutorado. Os caminhos são muito mais da política do que da igreja e da religião propriamente ditas. Eu penso que se nós olharmos o Brasil e a América Latina veremos que há muita religiosidade e política misturada. Acho que não temos descrença não, as pessoas articulam religião e política, através de religiosidades, crenças e credices diversas.

Eu vejo hoje no movimento dos jovens, especialmente aqui na Faculdade de Filosofia, muito ligados com a igreja. Tem uma grande parcela que está nos pentecostais, tem vários alunos que são da Congregação Cristã do Brasil, e tem mais evangélicos que católicos, porque a expansão dos evangélicos entre os jovens universitários é muito grande. E tenho visto também que o Opus Dei disputa muito os alunos, também na FFLCH, e tenho ficado assustada como alguns alunos não tem discernimento entre o que são estas congregações religiosas, qual o papel delas e como elas são representadas no mundo e na política, e acho que este é um perigo muito grande.

Eu nunca levei meus filhos prá nenhuma igreja, não me casei na igreja, meus filhos não foram batizados nem crismados, e ambos ficam putos porque não tem educação cristã no mundo cristão. Eu digo ‘pega a Bíblia e leia’. Sempre deixei muito livres prá escolherem o caminho que

quisessem. Meu filho Pedro tem 34 anos, vai ser pai agora em começo de novembro e nossa criança Zé Pedro já tá chegando, e minha filha Maíra tem 28 anos, é solteira, designer, trabalha numa revista da editora Abril, e ela precisa dumas coisas meio místicas. Acho que do jeito dela, ela reza de vez em quando. O Pedro é menos. E ambos são absolutamente sensíveis, tem esta coisa meio italiana, apesar de serem mestiços de japonês.

Minha apreensão é muito centrada na vida cotidiana, não é nada muito elaborado em relação à religiosidade, e acho que hoje em dia a crença é o grande elemento e não a descrença. Não sei se é um retorno ao sagrado, mas é um retorno a alguma coisa que represente um elo transcendental nesta vida materializada tão difícil e tão dura. Os jovens tem de se agarrar a alguma coisa e não tem mais a constituição de utopias e grupos, e se agarram à religião, e às vezes nestas religiosidades mais mercenárias e radicais do que eles imaginam.

Hoje em dia eu tenho uma relação muito forte com a natureza, onde o planeta e a vida me emocionam muito, o céu, a estrela, a lua. Eu fico muito ligada com a coisa da vida, que é muito bonita, e o viver, o reproduzir e o recriar, eu acho muito lindo. Eu sou agnóstica, eu acho. Não tenho santos nem religião, eu tenho valores humanitários enormes e que são sublimes e transcendentais, e isto é uma coisa muito forte. Eu gosto de escutar música, de poesia, que alteram meu estado de consciência... eu tenho horror à injustiça, aflição com a miséria das pessoas, tenho a ansiedade da urgência em fazer algo. Por isso me dedico a estar aqui no LEI e juntar pessoas que queiram ajudar, e a fazer os alunos entenderem a diversidade e a diferença, já que a maioria viveu em condomínio e escolinha fechada, não conhece o mundo.

Se vamos falar em religiosidade, a “religião da humanidade” me importa muito. A humanidade enquanto o religar e reordenar as pessoas. Assim como escreveu o Chico de Oliveira no *Elegia para uma Re(li)gião*, que é um estudo sobre nordeste e valores nordestinos. Tenho me sentido contemplada em juntar as pessoas, fazer alguma coisa e não aceitar a injustiça e a discriminação. Não sou alguém que entrega para a crença o que é da minha ação e responsabilidade. Nunca achei que tinha de rezar muito prá conseguir alguma coisa, sempre achei que tinha de lutar muito prá conseguir tal coisa. Não consigo fazer este “mergulho crente”, nem acho que quem faz é melhor ou pior, mas eu não consigo. Então decidi que este pedaço não era meu.